# BARCELOS
## (Vila Seca)

Vila Seca é uma freguesia do concelho de Barcelos, distrito de Braga. A igreja de Santiago dista cerca de 8 km da sede de concelho. Sair de Barcelos pela estrada N306, passar a ponte de Barcelos até entroncar na estrada N205. Andar cerca de 6,5 km e virar à esquerda. A igreja encontra-se um pouco mais à frente do lado esquerdo.

A freguesia de Vila Seca situa-se na margem sul do rio Cávado. O enquadramento da igreja de Santiago é rural, rodeada de habitações rurais e terrenos de cultivo.

A igreja de Santiago de Vila Seca pertence ao arcebispado de Braga, comarca de Viana.

## *Igreja de Santiago*

Santiago de Vila Seca, ou *Sancto Jacobi de Villa Sicca*, é já referida no Censual de Braga de finais do século XI, com a obrigação de entregar ao bispo dois moios de cereal.

A igreja de Santiago aparece mencionada nas inquirições régias do século XIII. Nas inquirições de D. Afonso II, de 1220, a paróquia é designada por *Sancto Jacobo de Villa Sicca* e localizava-se no julgado de Faria. O rei não detinha aí qualquer reguengo nem era patrono da igreja. A igreja de Santiago tinha na freguesia várias searas e 20 casais. Em 1258, a freguesia continuava a ser designada por *Sancto Jacobo de Villa Sicca*.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, mandado elaborar por D. Dinis em 1320-1321, a igreja de Santiago de Vila Seca foi taxada em 200 libras, valor relativamente elevado no contexto das igrejas e mosteiros da Terra de Faria.

A 4 de setembro de 1410, D. João I doa ao seu filho D. Afonso, conde de Barcelos e mais tarde duque de Bragança, uma extensa lista de padroados de igrejas, entre elas



*Alçado este. Cabeceira da igreja*



*Alçado sul. Porta de acesso à sacristia e uma arquivolta de um dos portais do primitivo edifício românico*



*Fragmentos românicos incorporados nos panejamentos*

a de Santiago de Vila Seca. Em 1450, a igreja de Santiago estava anexa à de Santa Maria de Barcelos.

A igreja de Santiago de Vila Seca foi profundamente transformada durante a época moderna, assumindo então, através da edificação de uma nova abside com sua fachada oeste e torre sineira, uma nova fácies e espacialidade. A igreja compõe-se assim de nave única com torre sineira alinhada com a fachada oeste, a sul. À igreja de nave única foram anexadas capelas e outras estruturas a sul, à largura da torre e alinhando-se com esta, mas mais baixas que a nave, o que se confirma pela quebra criada ao nível do telhado de duas águas que cobre a igreja. Segundo o relato das Memórias Paroquiais de 1758, a igreja tinha cinco altares, o altar-mor e quatro laterais. Era da apresentação do padroado real. A cabeceira era retangular, mais baixa e mais estreita que a nave. A norte edificara-se pequena sacristia quadrangular.

Da época românica conservou-se, além de vários elementos avulsos que adiante identificaremos, a estrutura, já muito tardia, da cabeceira. O seu aparelho pseudo-isódomo contrasta com aquele que foi utilizado no corpo da nave. Apesar de alteada para acolher no interior uma máquina retabular barroca com seu trono eucarístico, na parede fundeira da abside persiste uma estreita fresta que ilumina o interior da igreja a partir de este. Orna-a apenas uma aduela de fecho onde se relevou um motivo cordiforme, quase inciso. Os cachorros que se veem em ambos os alçados da cabeceira são lisos e de perfil retangular, sustentando cornija profunda, pelo que poderá ser da transição do século XII para o XIII, atendendo a que as Inquirições de 1220 já referem a existência desta paróquia.

O mais certo é que durante o século XVII a reedificação da nave tenha reaproveitado silhares da fábrica românica tal como comprova a presença de uma aduela ornada com motivos encadeados.

No lado sul, sobre a porta que permite o acesso à sacristia, incorporado num aparelho bastante irregular, uma arquivolta de um dos portais do primitivo edifício românico. Apesar das diferentes tonalidades das aduelas, repete-se o motivo de sabor geométrico, desenhando aquilo que Joaquim Vasconcelos designou por arcos entrançados, motivo número 39 do seu inventário de 1918, no extradorso. No intradorso do arco desenham-se temas denticulados. Trata-se de uma evidente reutilização que procurou acima de tudo animar este corpo da igreja.

Junto da igreja, na escada de acesso ao piso superior da Casa Paroquial de Vila Seca vemos um conjunto significante de peças provindas da primitiva igreja românica.



*Interior. Abside. Fresta românica. Pormenor*



*Casa do Centro Paroquial de Vila Seca. Composição de dois arcos de pedras avulsas românicas*

A avaliar pela qualidade dos motivos esculpidos, alguns deles historiados, podemos antever que as mesmas pertenceriam aos seus portais. As peças foram montadas em dois conjuntos configurando arcos e assim aproveitando o desenho criado pelas próprias aduelas. Nelas identificamos vários motivos caracteristicamente românicos: motivos fitomórficos ornados com pérolas, motivos florais, motivos lanceolados ou círculos encadeados. Num dos arranjos, sobre trecho de friso onde se relevaram as fitas entrelaçadas com pequenas pérolas repousa a base de uma coluna, cujo plinto ostenta uma figura híbrida, um quadrúpede com a cabeça no ângulo. No outro conjunto, destaca-se

ao centro uma representação rara no contexto do românico português. Trata-se de uma figura masculina, mitrada, segurando báculo com a mão esquerda e abençoando com a direita. Atendendo ao quadro plano em que se inscreve julgamos estar diante de uma parcela de tímpano. Este conjunto é encimado por peça avulsa, truncada, que parece representar uma figura a montar a cavalo.

No interior da igreja são parcos os testemunhos da época românica. Visível, na abside e do lado do Evangelho, persiste uma fresta caracteristicamente românica. O granito que a enforma contrasta com o painel de azulejos característicos do século XVII que a envolve. A fresta é abocinada e envolvida por arquivolta decorada com motivos lanceolados. O conjunto não tem imposta, mas destacam-se dois capitéis vegetalistas, cujos colunelos desapareceram. Apesar de danificado, é percetível a representação de uma figura humana no ângulo do capitel do lado direito do observador. Questionamos se seria um anjo. A ausência de cabeça, em lugar correspondente ao de uma voluta, não o permite confirmar. A escultura dos capitéis, bem presa ao cesto, revela o domínio técnico do mestre capiteleiro.

Por detrás do altar-mor ainda se pode apreciar, apesar do seu caráter deteriorado, a fresta da parede fundeira da abside. Apresentava estrutura idêntica à fresta já descrita, mas na arquivolta mostrando círculos encadeados e pérolas. Os seus capitéis estão picados. Além disso, devemos notar a presença de friso na parede fundeira da abside e que o altar-mor oculta. Repete-se aqui o tema das fitas entrançadas ornadas com pérolas.

A igreja de Santiago de Vila Seca está documentada desde o início do século XIII. Os seus vestígios românicos são parcos, mas significantes. A julgar pela variedade de temas e pela qualidade dos vestígios remanescentes, poderemos ajuizar da qualidade da primitiva fábrica românica de Vila Seca. Atualmente, serve de igreja paroquial.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

*Bibliografia*

BOISSELLIER, S., 2012, p. 138; COSTA, A.J., 1997-2000, II, p. 15; MARQUES, J., 1988, pp. 497, 510, 513 e 1086; MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 157; PMH, INQ., pp. 32, 111, 186 e 232 (de 1220).